

A melancolia na lírica drummondiana de 1945

Lizandro Carlos Calegari©

Abstract[©]

This work aims at analyzing the theme of melancholy in *A Rosa do Povo*, a book written by Carlos Drummond de Andrade during the Second World War and published in 1945. In this sense, the present study is divided into two parts. In the first part, a review of the literature concerning the book will be made in order to justify the choice for this exemplar. In the second part, it will be presented some elements dealing with melancholy, and some poems of the author will be analyzed. At the end of the paper, some considerations will be made.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar o tema da melancolia em *A Rosa do Povo*, obra escrita por Carlos Drummond de Andrade durante a Segunda Guerra Mundial e publicada em 1945. Nesse sentido, o presente estudo está dividido em duas partes. Na primeira parte, será feita uma revisão da literatura para justificar a escolha do livro como modelar para execução do presente trabalho. Na segunda parte, serão apresentados alguns elementos teóricos relacionados à melancolia e alguns poemas do autor serão analisados. Por último, serão apresentadas algumas considerações finais acerca do trabalho.

Introdução

Esgotar as possibilidades de leitura de um grande poeta como Carlos Drummond de Andrade consiste numa tarefa impossível. A complexidade e a extensão de sua produção literária exigem que, inicialmente, se selecione algum traço de investigação para que, ulteriormente, se possa ir a fundo e trazer à tona alguns aspectos que emanam de seus escritos.

Assim, o presente trabalho, que propõe a análise do tema da melancolia na obra *A Rosa do Povo* do escritor acima referendado, leva em conta, na realização de sua proposta, a abordagem de alguns

acontecimentos históricos decorridos em meados da década de 40. O estudo, nos moldes propostos, deve, pois, considerar a influência dos fatos históricos que emergiram naquela época como norteadora para a temática que se pretende aqui enfocar.

O estudo em curso, além de privilegiar os aspectos históricos como fontes argumentativas para atender a sua aludida proposição, permite que se faça uma breve abordagem acerca de tópicos que direta ou indiretamente condizem com o problema da pesquisa. Para tanto, foram selecionados alguns pontos que sustentaram a abordagem pretendida.

Na primeira parte, *A Rosa do Povo*: críticas literárias, serão apresentados alguns comentários com relação à obra em estudo baseados em alguns teóricos. Tais críticas, do mesmo modo que se propõem a justificar a escolha da referida obra como modelar para a execução do presente trabalho, servem como ponto de partida para situá-lo com relação ao tema aqui supradito.

Na segunda parte, *A melancolia no sujeito drummondiano*, pretende-se realizar a análise de alguns fragmentos de poesias nos quais é possível evidenciar o estado mórbido de tristeza. Juntamente à abordagem deste exame, serão trazidos à luz alguns acontecimentos históricos que configuraram aquela época.

Parte-se, desta forma, da premissa de que o desencanto com relação aos fatos da vida presenciado na lírica drummondiana está associado a experiências históricas que repercutiram em ambiente nacional e internacional.

A Rosa do Povo: críticas literárias

Revisando comentadores de Drummond, observa-se uma constante valorização da obra *A Rosa do Povo*, escrita durante a Segunda Guerra Mundial e publicada em 1945. Varia de caso a caso a forma de examinar a relação do livro com a história social.

© Aluno do 7º semestre do curso de Letras (UFSM), bolsista PIBIC/CNPq, participante do Projeto Integrado Literatura e Autoritarismo, sob orientação do Prof. Dr. Jaime Ginzburg.

O crítico Antônio Houaiss a qualifica como "uma poesia marcada pelo momento histórico". Ele alega que o livro propõe a discussão do artista no mundo e a sua posição frente a problemas políticos e sociais que assolam a referida época. "Drummond tomou posição e manteve-se fiel a seu ideário, embora reconhecendo a falácia de ilusões que se misturavam a perenes interesses da justiça, liberdade e paz".

A frágil estrutura sócio-política-econômica, resultante de um momento histórico bastante amotinado devido a guerras de toda a sorte, além de acarretar perdas materiais para a humanidade, gerou uma situação de desconforto que se associa ao estado de melancolia. O desencanto com a situação do homem no mundo passa a ser um dos pontos de sustentação da poesia drummondiana.

A opinião crítica com relação a esta obra encontra ecos em Afrânio Coutinho². *A Rosa do Povo*, alega ele, consiste numa condenação do mundo errado e distorcido. Cabe aqui destacar as circunstâncias que induziram o crítico a assim adjetivar este mundo. Dentre tais razões, tem-se o conturbado período histórico, político e social. O Brasil, durante o período ditatorial, experimentou as mais diferentes pressões impostas pela classe dominante. Uma idéia a respeito da realidade deste período é exposta por Arruda e Piletti. Os historiadores sublinham que no Brasil

os poderes discricionários de que a ditadura passaria a dispor (...) não tinham limites. (...) As publicações foram censuradas, as contestações armadas reprimidas com tortura e execuções; políticos, cassados. Perto de 5000 pessoas perderam os direitos políticos, entre militares, professores, governadores, prefeitos, deputados federais, juizes, servidores públicos, três ex-presidentes. (...) em São Paulo, grandes empresas financiaram a montagem do aparelho repressivo, que incluía câmaras de tortura³.

Dentre os diversos acontecimentos decorridos no plano internacional, destaca-se a eclosão da Segunda Grande Guerra. Com ela, teve-se o emprego de tecnologias bélicas inovadoras que contribuíram para a aniquilação de seres humanos de uma forma nunca antes observada. A análise da realidade de seu tempo remete, portanto, ao questionamento da realidade do mundo fragmentado criado pelo próprio homem.

Do ponto de vista de Massaud Moisés⁴, a obra contém poesias em torno de acontecimentos situados no – ou gerados pelo – clima da Segunda Guerra Mundial. Drummond, vítima das fatalidades decorrentes da guerra, numa entrevista concedida a Ary de Andrade em 1945, expõe o seguinte:

As contradições desse mundo se refletem na própria guerra em que ele se estorce e em que, sob o sacrifício e a sinceridade de milhões de pessoas, não é difícil enxergar o cálculo e a ambição de alguns. (...) De todos os lados se reconhece que estão anulados muitos dos valores sobre os quais se apoiava a nossa concepção geral da vida, e que atingimos a um período de crise⁵.

Ainda com relação aos reflexos históricos na produção drummondiana, Alfredo Bosi contesta que

A civilização que se forma sob nossos olhos, fortemente amarrada ao neo-capitalismo, à tecnocracia, às ditaduras de toda sorte, ressoou dura e secamente no eu artístico do último Drummond⁶.

Desta forma, a essência de sua poesia ganha um valor importante na medida que representa uma sociedade retorcida pelos tantos aspectos negativos que carrega. Assim, a uma visão crítica de uma sociedade dessorada, tem-se um Drummond desencantado com relação à vida, revelando um pessimismo em que o homem se encontra frente a frente com o vazio e o nada.

É, portanto, através da análise de alguns fragmentos de poesias de Drummond que se pretende alcançar a concepção de que este sentimento está associado e condicionado pelos conflitos históricos que atingiram a sociedade naquela época.

A melancolia no sujeito drummondiano

O vocábulo melancolia é de origem latina (melancholia) que, por sua vez, deriva do grego (melagcholia). Designa, no primeiro caso, o "estado de tristeza e depressão"; no segundo, o significado é relativo a "negro, sombrio, triste". A partir da etimologia do termo, observa-se que, semanticamente, é constante a concepção de tristeza, geralmente associada à consternação, ao aspecto revelador de mágoa ou aflição.

A definição do conceito de melancolia, porém, não se restringe unicamente àquelas simples

¹ Extraído de ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*. 1996, p. 1.

² COUTINHO, Afrânio & COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*. 1986.

³ ARRUDA, José Jobson de A. & PILETTI, Nelson. *Toda a história: história geral e história do Brasil*. 1994, p. 327-328.

⁴ MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. 1989.

⁵ BRAYNER, Sônia. *Carlos Drummond de Andrade*. 1977, p. 32-33.

⁶ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 1994, p. 441.

⁷ CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 1982, p. 510.

concepções associadas ao termo. A relatividade de sua definição desafia inclusive a psiquiatria descritiva⁸. Freud caracteriza o comportamento melancólico do seguinte modo:

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição⁹.

Freud ainda apresenta uma distinção entre o sentimento de luto e a atitude melancólica. No primeiro caso, ocorre uma perda real do objeto amado e o mundo se torna pobre e vazio. Haveria, neste caso, a possibilidade de restauração afetiva com a substituição do objeto perdido por outro. Já em relação à atitude melancólica, tem-se uma perda objetual retirada da consciência, ou seja, há uma separação da libido de ego e uma redução da auto-estima. Não necessariamente se tem uma perda real do objeto, mas uma perda enquanto objeto de amor¹⁰.

O pensamento clássico antigo apresenta um conjunto de características que descrevem a condição melancólica. Esta seria assinalada por uma alteração comportamental, marcada pela misantropia, pelo medo e pelo abatimento profundo, o que geraria uma desordem na inteligência¹¹.

A reflexão moderna acerca da atitude melancólica ressoa, dentre outros, em Romano Guardini. Para ele, o sujeito se vê desnortado consigo mesmo, perde seus referenciais e prefere a solidão e o silêncio ao cotidiano. Isso se deve ao fato de este indivíduo não possuir valores seguros nos quais possa confiar. O autor expõe um conjunto de características que descrevem o sujeito melancólico. Dentre estes traços, ele sublinha a cessação dos sentidos, dos instintos, e dos pensamentos. Aponta ainda para a atenuação em relação aos desejos de realizar atividades essenciais do cotidiano. Incapaz de manter sob controle os fatos da vida, o indivíduo perde a confiança frente às relações sociais. Complementa ainda que

C'est ici surtout que réside le caractère énigmatique de la mélancolie: la vie se tournant contre elle-même, l'instinct de conservation, l'estime de soi, le désir de favoriser son propre bien pouvant être si étrangement traversés, rendus incertains, déracinés par l'instinct d'auto-destruction¹².

Denilson Lopes acrescenta que a "melancolia não é simplesmente uma vaga tristeza ou prostração, fruto de uma desilusão amorosa, de um problema psicológico qualquer", mas também um sentimento cuja força provém da "percepção da passagem do tempo, das ruínas que se avolumam, até a história dos sentimentos"¹³. Para ele, o melancólico está em constante atração por imagens de morte. Alega ainda que

A linhagem dos melancólicos se estende modernamente, desde os príncipes e cortesãos do teatro barroco, passa pelos poetas ultraromânticos, pelos dândis decadentistas, pelos aristocratas neo-barrocos sem poder, e continua até os punks góticos. A ênfase na melancolia contemporânea, a partir do Neo-Barroco, que tem suas raízes nos anos 50, deve ser entendida como uma espécie de acerto de contas geracional com a segunda metade dos anos 70 e início dos anos 80 deste século¹⁴.

A presença da melancolia em determinados poemas de *A Rosa do Povo* teria como uma de suas causas os fatos históricos cujos resultados contribuíram para a fragmentação do mundo. Isso revela, por parte de Drummond, um desencanto com relação à vida. Considere-se o seguinte fragmento da poesia *O Medo*.

01. Em verdade temos medo.
02. Nascemos escuro.
03. As existências são poucas:
04. Carteiro, ditador, soldado.
05. Nosso destino, incompleto.
06. E fomos educados para o medo.
07. Cheiramos flores de medo.
08. Vestimos panos de medo.
09. De medo, vermelhos rios
10. vadeamos.

(Extraído de *A Nova Reunião*, p. 118)

A leitura dos escritos drummondianos produzidos em meados das décadas de 40 e 50 revela que estes estão intimamente relacionados a acontecimentos históricos de âmbito nacional e internacional. A presença da atitude melancólica – como é notável nas estrofes do poema – está, pois, associada às condições do mundo externo e se reflete na sensação de medo. A insatisfação com o presente e a falta de perspectiva com relação à vida estão

⁸ FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: _____. *Obras psicológicas completas*. 1974. Vol. XIV.

⁹ Idem, *Ibidem*, p. 276.

¹⁰ Idem, *Ibidem*.

¹¹ Cfm. KLUBANSKY, Raymond; PANOFKY, Erwin & SAXL, Fritz. *Saturne et la Mélancolie*. Paris: Gallimard, 1989 apud GINZBURG, Jaime. *Olhos turvos, mente errante – elementos melancólicos em Lira dos vinte anos, de Álvares de Azevedo*. 1997. Tese de Doutorado.

¹² GUARDINI, Romano. *De la mélancolie*. 1953, p. 41-42.

¹³ LOPES, Denilson. *Nós os mortos*. 1999, p. 15.

¹⁴ Idem, *Ibidem*, p. 11.

centradas no vocábulo *escuro* (v. 02). O sujeito lírico sente a mediocridade da sociedade e, devido a esta atitude de desprezo, encontra-se magoado. Há, portanto, um conflito entre o sujeito lírico e a sociedade, motivado pelas transformações desta última. Existem, além do mais, determinadas restrições – conforme é sugerido no verso 3 – impostas por certos elementos como *ditador* (v. 04) e *soldado* (v. 04). Tem-se aí a presença da formação de classes de diferentes posições, uma dominante e outra dominada.

Com relação à classe dominante, tem-se o Estado, cujos representantes – soldados, militares, políticos – destinavam-se ao controle da sociedade civil brasileira. Ao traçar um conjunto de reflexões acerca do caráter excessivamente dominante do Estado na formação histórica brasileira, José Antonio Segatto enfatiza a forma como estas dominações eram conduzidas:

*A classe dominante organizou o Estado como um aparato de poder exclusivo, dissociado da sociedade. (...) Em quase todas as tentativas de organização, mobilização, reivindicações, contestação da ordem, por parte das classes dominadas, o Estado agiu prontamente para impedir, seja pela repressão pura e simples seja por outras formas, como a manipulação e a cooptação ou ainda por meio da criação de instrumentos jurídico-políticos de controle e exclusão*¹⁵.

No Brasil, durante o Estado Novo, que coincide com a produção de *A Rosa do Povo*, notava-se a preocupação dos militares em armar seu exército sem considerar a problemática nacional em termos políticos, econômicos e sociais. Simon Schwartzman argumenta esta idéia alegando que

*aqueles falsos representantes do povo, que, fartamente pagos pelos cofres públicos, eram quase sempre os maiores inimigos, a já então verdadeira quinta-coluna da pátria. (...) Dormiam em nossa terra e debaixo dela os elementos preciosos e indispensáveis à confecção de nossas armas e munições, e todo o trabalho hoje bem orientado da Diretoria do Material Bélico do Exército ainda esbarra nos descabros administrativos, que nos infelicitaram por tantos anos*¹⁶.

Edgar Luiz de Barros reforça estas idéias de dominação da sociedade por parte do Estado ao longo dos tempos expondo que “a História do Brasil é uma história de repetição e não de catarse”¹⁷.

Mediante estas adversidades, Luiz Costa Lima expõe o princípio-corrosão, que dentre outras características, consiste na “presença partilhada e intuída do histórico que lhe conduz ao sentimento de angústia, de asco e de desgosto com que partilha do mundo”¹⁸.

O desencanto com a situação do homem e a falta de perspectiva da humanidade, portanto, fazem com que o sujeito lírico, no verso 05, remeta a seu *destino*, incompleto e, logo deficiente. Estas idéias se associam à situação tensa do momento presente o qual, possivelmente, oculta uma perda irreversível.

O verso 06 consiste numa extensão e complementação das idéias contidas nos versos 02 e 06. O verso 06, contudo, explicita a necessidade de o ser humano se adequar à realidade externa contaminada pela exclusão, repressão e manipulação. Por estes motivos, as atitudes e aparências humanas – conforme exemplificam os versos 07 e 08, respectivamente – estão expostas e permeáveis às influências daquela experiência autoritária que assola a sociedade. As conseqüências deste estado autoritário se refletem no comportamento apavorante e melancólico de suas vítimas.

Ainda com relação aos versos 07 e 08, observa-se o uso de paralelismo. Drummond opta por este processo intensificador para remeter a inserviência dos gestos na vida condenada à morte. Além do mais, o paralelismo de que Drummond fez uso oferece uma certa uniformização em compensação àquilo que é difícil ou mesmo impossível de se ordenar. Nota-se, nesta estrofe, a reiteração do vocábulo *medo*, o que reforça a idéia de continuidade desta.

A carga semântica do adjetivo *vermelhos* (v. 09) é significativa. O sujeito lírico utilizou aquele termo a fim de alertar ou antecipar o leitor da situação caótica da sociedade, marcada por catástrofes, violências, assassinatos, etc. daí a palavra *vermelhos* fazendo menção a sangue, relativamente associado à extorsão, à debilidade, à tortura, à aflição, à desgraça, ao tormento, entre outros elementos. O termo pode ainda ter sido usado como referência ao comunismo que utilizava aquela cor como símbolo. Seria esta, então, uma forma utilizada para desviar as fortes censuras ocorridas no período.

Drummond, portanto, opta por uma linha de produção profundamente melancólica. A experiência com a ditadura – conforme evidenciam as palavras *ditador* (v. 04) e *soldado* (v. 04) – influenciou a sua poesia de modo que expressam um aspecto de perda, dor, medo, que tradicionalmente se associam ao conceito de melancolia, e que ganha na sua poesia

¹⁵ SEGATTO, José Antonio. Cidadania e ficção. In: SEGATTO, José Antonio & Baldam. *Sociedade e Literatura no Brasil*. 1999, p. 202.

¹⁶ SCHWARTZMAN, Simon (org.). *Estado Novo, um auto retrato*. 1985, p. 327.

¹⁷ BARROS, Edgar Luiz de. *O Brasil de 1945 a 1964*. 1991, p. 9.

¹⁸ LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira*. 1995, p. 133.

profundidade e se articulam uma com as outras. O impacto da violência no processo histórico e a atitude melancólica contribuem para expor uma realidade com receio¹⁹.

A atitude melancólica ainda pode ser detectada no poema *Idade Madura*:

01. As lições da infância
 02. desaprendidas na idade madura.
 03. Já não quero palavras
 04. nem delas careço.
 05. Tenho todos os elementos
 06. ao alcance do braço.
 07. Todas as frutas
 08. e consentimentos.
 09. Nenhum desejo débil,
 10. Nem mesmo sinto falta
 11. do que me completa e é quase sempre
 [melancólico]
-
34. Antes de mim outros poetas,
 35. depois de mim outros e outros
 36. estão cantando a morte e a prisão.
 37. Moças fatigadas se entregam, soldados se
 [matam]
 38. no centro da cidade vencida.
 39. Resisto e penso
 40. numa terra enfim despojada de plantas inúteis,
 41. num país extraordinário, nu e terno,
 42. qualquer coisa de melodioso,
 43. não obstante mudo,
 44. além dos desertos onde passam tropas, dos
 [morros]
 45. onde alguém colocou bandeiras com enigmas,
 46. e resolvo embriagar-me.
 (Extraído de *A nova Reunião*, p. 189-191)

A estrofe inicial do poema *Idade Madura* contempla o passado em detrimento das reais condições do momento presente. As recordações da infância (v. 01), associadas às experiências daquele período da vida, se sobressaem mediante o desencanto com relação àquilo que o presente é incapaz de oferecer. A infância – época em que se viveria a descoberta, o fascínio, a pureza – encontra-se fragmentada e mesmo sonhada pela então *idade madura*, verso 02. O adjetivo *madura* não aparece aqui como metáfora de prudência ou juízo; evidencia antes a parte putrefacta, o lado fraco ou condenável do ambiente de convívio do sujeito lírico. Isso, por sua vez, influencia e subverte a situação das condições apreendidas no passado. Essa irrecuperabilidade do passado, portanto, consiste na motivação para a presença da melancolia.

Tratando das situações atuais da modernidade, Reinaldo Marques articula a questão da melancolia ao papel e aos desafios do poeta, ressaltando alguns traços do melancólico:

*o ensimesmamento do eu confrontado com experiências de perda decorrente de um tempo e um mundo de mudanças e ruínas; uma atitude crítica em relação ao próprio eu, apreendido como insatisfatório, precário; a inibição da atividade, em prol de uma atitude contemplativa*²⁰.

Observa-se, portanto, nesta citação de Reinaldo Marques, que o indivíduo está em constante tensão em meio a seu tempo de destruição e perda. Paradoxalmente o que se busca é atribuir um sentido inalcançado às coisas.

Conforme o verso 03, o sujeito lírico recusa as palavras, pois elas não oferecem qualquer contribuição para a formação de uma personalidade adversa às situações da realidade. Essa rejeição justifica-se pela desconfiança frente à imagem fornecida pela *idade madura*. Não só repele as palavras, subsídio para a linguagem a qual subjaz à existência humana e é ponto de interação entre os homens, mas também elementos concretos que povoam a realidade externa. Embora tenha acesso e alcance a todos os elementos, conforme explicita o verso 05 – cita as *frutas* (v. 07) e os *consentimentos* (v. 08) – estes lhe são prescindíveis, pois consistem em elementos degradantes para sua formação bem como para a constituição da sociedade, a qual reflete um drama coletivo. A parte que falta ao sujeito lírico e que, paradoxalmente, por ele é inaceitável, exhibe-se melancolicamente, segundo exposto no verso 11.

As palavras de Reinaldo Marques sintetizam esta abordagem:

*Com efeito, a atitude crítica frente ao eu, o seu ensimesmamento e inibição, acarretando um estado de aparente desinteresse pelo mundo, numa busca de isolamento e contemplação (...) revelam antes uma atitude de desconfiança e de problematização do mundo moderno, centrado numa racionalidade instrumental e abstrata, que constitui o sujeito pelo viés da renúncia e do sacrifício de uma parte de si*²¹.

Essa idéia de amargor mediante os feitos da vida atravessa a poesia drummondiana. Os versos 34, 35 e 36 traduzem o drama coletivo, que parece conglomerar um número extensivo de vítimas. Dentre estas, têm-se os poetas que aqui sintetizam toda uma parcela de indivíduos submetidos àqueles que fazem

¹⁹ GINZBURG, Jaime. *Lírica e autoritarismo: a poesia em 1945*. <http://w3.ufsm.br/jaime/jaime.htm>.

²⁰ MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Modernidades tardias*. 1998, p. 162.

²¹ Idem, *Ibidem*, p. 165-166.

uso da violência como forma de controle e de manipulação.

Os versos 36 e 37 agrupam um conjunto de vocábulos que condizem com o estado de guerra: *morte* (v. 36), *prisão* (v. 36), *soldados* (v. 37). Na entrevista previamente citada, Drummond, tratando acerca do mundo após-guerra, expõe que a "guerra vem apenas evidenciar a existência de certos aspectos de uma organização ou ativar a decomposição de outros. Não é, em si, um processo regenerador".

Umberto Eco²² afirma que o século XX deu a noção de guerra mundial, a qual o homem avalia diversificadamente em relação àquelas ocorridas no início do século. A guerra moderna apresenta-se contraditória com relação às próprias razões pelas quais é operada. Além do mais, na atualidade, ela é uma solução para estados de desequilíbrio no conjunto da sociedade. Ela ainda tem o poder de se prolongar em uma dramática instabilidade política, econômica e psicológica.

A carga semântica do vocábulo *moça* (v. 37) vai de encontro ao respectivo adjetivo *fatigadas* (v. 37). O termo *moças* evidencia juventude, energia, etc. Aqui, porém, o adjetivo *fatigadas* subverte o significado da palavra a qual modifica.

O verso, através da oração *soldados se matam*, faz alusão ao estado de agressividade dos homens num mundo autoritário. Na ótica de Freud,

*Os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para ele, (...) alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, (...) humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo*²³.

Os versos 36 e 37 são complementados com o adjunto adverbial *no centro da cidade vencida* (v. 38). O adjunto não apenas descreve a circunstância espacial, mas também intensifica as relações conflituosas.

Os últimos versos da estrofe acumulam uma série de elementos que descrevem o mundo em que o sujeito lírico se apresenta. Ele afirma estar numa terra (...) *despojada de plantas inúteis* (v. 40), *num país extraordinário, nu e terno* (v. 41), marcado pelo silêncio e pela solidão, conforme evidenciam os vocábulos *mudo* (v. 43) e *deserto* (v. 44). O sujeito

mediante estas circunstâncias apresenta-se frágil, agitado, mutilado, construído de poucas substâncias e principalmente nostálgico. Antonio Candido, com relação ao sujeito poético, ressalta que

*o eu estrangulado é, em parte, consequência, produto das circunstâncias; se assim for, o eu torto do poeta é igualmente uma espécie de subjetividade de todos, ou de muitos, no mundo torto*²⁴.

Mediante estas situações, o sujeito lírico resolve embriagar-se a fim de se evadir das condições e circunstâncias da vida e do mundo, conforme evidencia o verso 46.

Considerações finais

O estudo das obras e dos textos da fortuna crítica referente a Carlos Drummond de Andrade permitiu analisar de modo inicial alguns aspectos de sua vasta e complexa produção.

Cabe aqui destacar que as obras do poeta mineiro produzidas em meados da década de 40 apresentam um amadurecimento e um maior comprometimento com o difícil momento histórico e social que o Brasil e o mundo atravessaram. Francisco Iglésias, num artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 1990 expõe que

*Drummond, entre os poetas brasileiros, deve ser quem teve mais fina sensibilidade para a História: entendeu o seu tempo, sempre assumiu posições mais corretas – exatamente por compreender com lucidez e sensibilidade as situações –, exprimiu a terra de Minas e do Brasil como a sua época de profundas mudanças, quando o processo ganha maiores dimensões e passa de lento a acelerado, característica de nosso século*²⁵.

A tentativa de reação diante da densidade de alguns acontecimentos históricos decorridos em meados da década de 40 – como é o caso da ditadura no Brasil e a Segunda Guerra Mundial – faz com que a poesia drummondiana se abra para a luta social e política. Da ótica de Antonio Candido, o mundo social, para o poeta, é inquieto, incompreensível, repleto de obstáculos que impedem a plenitude dos sentimentos e dos atos²⁶. Conforme ele afirma, em relação a Drummond,

a sua poesia social não é devida à convicção, pois decorre sobretudo das inquietudes que o assaltam. O sentimento de insuficiência do eu, entregue a si mesmo, leva-o a querer completar-

²² ECO, Umberto. *Cinco Escritos* Moraes. 1998.

²³ FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. *Obras psicológicas completas*. 1974, p. 133.

²⁴ CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 1995, p. 108.

²⁵ IGLÉSIAS, Francisco. 1990. Drummond: história, política e mineiridade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 out. p. 2.

²⁶ CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 1995.

se pela adesão ao próximo, substituindo os problemas pessoais pelos problemas de todos²⁷.

A falta de perspectiva da humanidade, o desencanto com a situação do homem no mundo configuram uma extensão deste sistema social emaranhado. Diante desta situação de desconforto gerada pela guerra e pela ditadura brasileira, tem-se a presença da melancolia nas composições literárias do escritor itabirano produzidas naquela época. Dentre as motivações que servem de obstáculo, para o poeta reafirmar seu estado mórbido de tristeza, destacam-se a insatisfação com o presente, a falta de perspectiva com relação à vida, o drama das relações sociais e ainda a falta de equilíbrio e de variedade das coisas no mundo.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. A Rosa do Povo. In: _____. *Nova Reunião*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1987.
- _____. *A Rosa do Povo*. 17.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- ARRUDA, José Jobson de A & PILETTI, Nelson. *Toda a história: história geral e história do Brasil*. São Paulo: Ática, 1994.
- BARROS, Edgar Luiz de. *O Brasil de 1945 a 1964*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRAYNER, Sônia. *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COUTINHO, Afrânio & COUTINHO, Eduardo Faria. *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympo; Niterói: UFF-U.F. Fluminense, 1986.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Nova Fronteira, 1982.
- ECO, Umberto. *Cinco Escritos Morais*. Trad. Eliana Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: _____. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. O mal-estar na civilização. In: _____. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- GINZBURG, Jaime. *Olhos turvos, mente errante – elementos melancólicos em Lira dos vinte anos, de Álvares de Azevedo*. Porto Alegre/ UFRGS, 1997. Tese de Doutorado.
- _____. *Lírica e autoritarismo: a poesia em 1945*. <http://w3.ufsm.br/jaime/jaime.htm>.
- GUARDINI, Romano. *De la mélancolie*. Paris: Seuil, 1953.
- IGLÉSIAS, Francisco. Drummond: história, política e mineiridade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 out. 1990.
- LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- LOPES, Denilson. *Nós os mortos: Melancolia e Neo-Barroco*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.
- MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985-1986.
- SCHWARTZMAN, Simon (org.). *Estado Novo, um auto-retrato*. Brasília, CPDOC/ FGV, Ed. Unb, 1983.
- SEGATTO, José Antonio & BALDAM, Ude. *Sociedade e Literatura no Brasil*. Ed. Unesp/ SP, 1999.

²⁷ Idem, Ibidem, p. 106.